

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL – UFFS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO *LATO SENSU* EM DESENVOLVIMENTO
RURAL SUSTENTÁVEL E AGRICULTURA FAMILIAR
CAMPUS CERRO LARGO

RAFAEL JUNIOR MOTTER

UMA ABORDAGEM SOCIOECONÔMICA SOBRE O SISTEMA INTEGRADO
DE FRANGO NA MICRORREGIÃO DE ERECHIM

Cerro Largo, RS

Junho, 2013

RAFAEL JUNIOR MOTTER

**UMA ABORDAGEM SOCIOECONÔMICA SOBRE O SISTEMA INTEGRADO
DE FRANGO NA MICRORREGIÃO DE ERECHIM**

Monografia apresentada ao Curso de Pós-graduação *Lato Sensu* em Desenvolvimento Rural Sustentável e Agricultura Familiar da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS, Campus Cerro Largo, sob a orientação do Professor Ulisses Pereira de Mello.

Cerro Largo, RS

Junho, 2013

Banca examinadora:

Ulisses Pereira de Mello – Engenheiro Agrônomo, Mestre, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). (Orientador).

Evandro Schneider – Agrônomo, Doutor, Universidade Federal de Pelotas (FAEM/UFPel).

Reneo Pedriger - Engenheiro Agrônomo, Mestre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Fernando Borba - Engenheiro ambiental, Doutor, Universidade Estadual de Maringá (UEM).

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, professor e amigo de militância, Ulisses Pereira de Mello.

A meus colegas e professores, grato pelo saber e parceria. Especialmente ao Volmir Farina (Zuzi) e ao Claiton Vidal pelas longas horas de estrada juntos.

A UFFS, pelo curso oferecido e pela oportunidade de estudar em uma universidade na qual militei por sua existência.

Aos meus colegas de trabalho e militância pelo apoio.

A minha querida e amada Inês Vieira.

RESUMO

Este estudo apresenta uma análise socioeconômica sobre duas unidades camponesas de produção agrícolas do interior do município de Severiano de Almeida, Rio Grande do Sul, que têm, na integração de frango, sua principal atividade econômica. Através de pesquisa bibliográfica e pesquisa a campo, buscou-se compreender o contexto do mercado avícola a partir do ponto de vista do integrado. O trabalho a campo foi orientado pelo *diagnóstico dos sistemas agrários*, na qual foi adotada a metodologia do cálculo do *valor agregado*, procurando saber o valor da *renda agrícola* e se ela está assegurando a reprodução social das famílias. Os resultados atestam as inúmeras críticas ao sistema integrador, da má remuneração à maioria dos produtores.

Palavras-chave: camponês, renda agrícola, valor agregado, reprodução social, unidade de produção agrícola e exploração.

LISTAS DE GRÁFICOS

Gráfico 01: Renda Agrícola (RA/UTF) da família A.	23
Gráfico 02: Renda Agrícola (RA) do aviário X Nível de Reprodução Simples (NRS) - família A .	23
Gráfico 03: Renda Agrícola (RA/UTF) da família B.	26
Gráfico 04: Renda Agrícola (RA) do aviário X Nível de Reprodução Simples (NRS) - família B.	27

LISTA DE TABELAS

Tabela 01: Média anual do Valor Agregado (VA) da unidade de produção da família A, Produto Bruto (PB) e Custo Intermediário (CI) por atividade.	22
Tabela 02: Demonstrativo de custos e resultado econômico de um lote de Frango da família A.	24
Tabela 03: Média anual do Valor Agregado (VA) da unidade de produção da família B, Produto Bruto (PB) e Custo Intermediário (CI) por atividade.	26
Tabela 04: Demonstrativo de custos e resultado econômico de um lote de Frango da família B.	28

SIGLAS

CLT - Consolidação Das Leis Do Trabalho

CI - Custo Intermediário

D - Depreciação

DVA - Distribuição do Valor Agregado

FETRAF - Federação dos Trabalhadores na Agricultura Familiar

IDESE - Índice de Desenvolvimento Socioeconômico

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

MDA – Ministério do Desenvolvimento Agrário

NRS - Nível de Reprodução Simples

PB - Produto Bruto

PIB - Produto Interno Bruto

RA - Renda Agrícola

SAU - Superfície Agrícola Útil

UPA - Unidade de Produção Agropecuária

UTF - Unidade de Trabalho Familiar

VA - Valor Agregado

VAB - Valor Agregado Bruto

VBP - Valor Bruto da Produção

VR – Valor Residual

VN – Valor do bem novo

VU – Valor do bem usado

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
Objetivos	9
Justificativa.....	9
Metodologia	10
2..... A MICRORREGIÃO DE ERECHIM: da colonização campesina ao atual contexto socioeconômico	11
3. O CAMPONÊS INTEGRADO E O SISTEMA DE INTEGRAÇÃO	14
3.1 Os limites da integração na produção de aves e suínos	15
4. A REPRODUÇÃO SOCIAL E ECONÔMICA DOS INTEGRADOS	19
4.1 Diagnóstico sócio produtivo	21
4.1.1 Diagnóstico na UPA da família A.....	21
4.1.2 Diagnóstico na UPA da família B	25
5. ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	29
6. CONCLUSÕES	33
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	34

1. INTRODUÇÃO

A integração avícola tem sido alvo de muitas críticas. Entidades sindicais de pequenos agricultores, integrados avícolas, pesquisadores acadêmicos e lideranças de movimentos sociais, têm acusado as agroindústrias integradoras de explorar seus integrados através da baixa remuneração do produto frango. As empresas negam as acusações. Motivada por esta polêmica, existente também na microrregião de Erechim, esta pesquisa pretende fazer uma breve análise sobre os resultados econômicos de unidades de produção camponesa, que trabalham com avicultura em sistema integrado.

Objetivos

O estudo não terá a pretensão de analisar a universalidade do mercado que envolve o sistema de integração, mas verificar a viabilidade da atividade para a reprodução social dos integrados entrevistados. O objetivo é obter-se uma amostragem sobre os impactos econômicos do *sistema de integração* de aves sobre duas unidades de produção camponesa na microrregião de Erechim, verificando se a renda obtida está acima ou abaixo do nível de reprodução social, extraindo informações e conclusões mais concretas que possam motivar e orientar no futuro uma pesquisa mais ampla e aprofundada.

Justificativa

Este trabalho justifica-se pelo fato de que muitos camponeses da microrregião de Erechim estão integrados em grandes agroindústrias do setor avícola, colocando a criação de frangos entre as principais atividades agropecuárias da microrregião. Nos últimos anos aumentou as críticas às agroindústrias integradoras. Entidades sindicais, movimentos sociais e integrados acusam as agroindústrias de pagarem uma baixa remuneração ao integrado.

Esta pesquisa é importante porque, na microrregião destacada, poucos trabalhos são realizados na perspectiva de analisar a situação socioeconômica dos camponeses submetidos ao sistema tradicional de integração e avaliar a profundidade de suas reivindicações.

Metodologia

Para o trabalho foi realizada pesquisa bibliográfica e pesquisa a campo. A pesquisa a campo foi realizada em duas unidades produtivas no interior do município de Severiano de Almeida, localizado na microrregião de Erechim, Rio Grande do Sul. Foi aplicado um diagnóstico, no qual deu subsídios para aplicação da modelagem do valor agregado. Com o objetivo de preservar a identidade dos entrevistados seus nomes foram substituídos por ‘A’ e ‘B’. Ambos aviários são manuais e fazem seis alojamentos por ano, ou seja, criam seis lotes de frangos por ano.

É importante também relatar que os dados aqui apresentados são apenas de duas unidades produtivas que tem adotado o sistema integrado de engorda de frango. Todos os dados quantificados são médias anuais, declaradas oralmente pelas famílias entrevistadas. Poucos documentos foram analisados, como notas fiscais de lotes específicos, o que aparentemente atestou a veracidade do que fora declarado.

O primeiro capítulo será destinado para uma breve contextualização da história do campesinato na microrregião de Erechim, resgatando também as atuais características sócio-econômicas. No segundo capítulo, será discutido o contexto geral da integração, estrutura de mercado, críticas e defesas ao sistema integrador. No terceiro capítulo, serão sistematizados os dados do diagnóstico e, no quarto, serão realizadas análises acerca dos resultados.

2. A MICRORREGIÃO DE ERECHIM: da colonização campesina ao atual contexto socioeconômico

A microrregião de Erechim é composta por 32 municípios, e de acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), possui aproximadamente 217,9 mil habitantes, cujo PIB (Produto Interno Bruto) per capita é de R\$ 12,5 mil. No aspecto social se destaca pela grande concentração de população rural. A microrregião também foi a última fronteira do Rio Grande do Sul a ser incorporada ao modo de produção capitalista. Sua colonização se deu pela introdução de migrantes descendentes de colonos imigrantes das colônias velhas do Rio Grande do Sul e foi coordenada por empresas estatais e empresas privadas, como é o caso da Luce Rosa e da *Jewish Colonization Association*¹. Ligadas ao setor ferroviário, lucravam com os assentamentos e principalmente com a extração de madeira. Já os camponeses, vulneráveis ao capital, sofriam todo tipo de exploração dessas companhias. (IBGE, Censo 2010; PIRAN, 1995; WOLFF, 2005).

Este modo de colonização primou por pequenas glebas de terra (média 25 ha) e tinha em sua função específica produzir alimentos para os grandes centros comerciais do país.² Nas primeiras décadas do século XX, uma das principais atividades econômicas era a banha de porco, exportada para os maiores centros urbanos do país, principalmente São Paulo. Tamanho era o comércio da banha de porco que era exportada a granel, mas na metade do século XX o mercado optou pelo óleo de soja, levando à descapitalização muitos camponeses criadores de suínos. (JUNIOR, 2006, WOLFF, 2005)

A partir da década de 60, através de grandes cooperativas e empresas privadas, foi implementada uma nova metodologia para criação de aves e suínos no sul do Brasil, denominado de *sistema integrado* (DALLA COSTA, 1993). A microrregião de Erechim, juntamente com suas microrregiões vizinhas, Chapecó e Concórdia, ambas do Estado e Santa Catarina, passam a sediar um novo modelo de organização produtiva para a agricultura, integrando-a com a indústria urbana: a agroindústria. O porco ressurgiu como principal atividade agropecuária, mas em uma inovadora configuração

¹ A *Jewish*, criada com fins filantrópicos, tinha atividades também no Uruguai e Argentina e pertencia ao banqueiro Barão de Hirsh. (WOLFF, 2005).

² De acordo com Caio Prado Junior (2006), as características das Sub-regiões permanecem até hoje, porém, com várias cidades já formadas atingindo a média de 5 mil habitantes. Poucas atingem 100 mil habitantes.

produtiva e comercial.

A implementação dos sistemas agroindustriais na microrregião de Erechim se desenvolveu paralela a Revolução Verde³, ambos exigindo novos padrões tecnológicos e processos produtivos afetando, conseqüentemente, o modo de vida dos camponeses. Não somente sua relação com suas unidades produção agropecuárias (UPA's), mas suas relações com a natureza e suas relações sociais começaram a passar por profundas mudanças. O uso de insumos químicos, a mecanização, novas genéticas animal e vegetal, a interferência externa de técnicos nas decisões internas da UPA e mudanças em suas jornadas de trabalho são exemplos concretos do novo modelo agropecuário ao que o capital subordinou os camponeses, denominados por muitos como a terceira revolução agrícola (PIRAN, 1995).

O modo de produção capitalista, para garantir sua própria reprodução como sistema dominante, reinventa o camponês ao longo da história, mudanças lhes são impostas devido a novas exigências que o capital lhes impõe. O capital “(...) ao mesmo tempo que determina características comuns aos camponeses, impõe-lhes transformações que os tornam diferentes de um momento histórico para outro.” (PIRAN, 1995, p. 135)

De acordo com a história da colonização da microrregião de Erechim, a forma de colonização já determinou a real função dos camponeses condicionados pela superexploração de sua mão de obra: de garantir a reprodução do capital. No final do século XX essa mesma região apresenta as seguintes características socioeconômicas: a estrutura fundiária disposta em módulos de terra de 01 a 20 ha representando 60% dos estabelecimentos rurais e detendo 26,1% das terras (IBGE, 1996). O campesinato representa 28,8% de seu PIB (AMÉRICA ESTUDOS E PROJETOS INTERNACIONAIS, 2001). No aspecto demográfico, atualmente 38,3% da população da região vivem na roça. Tirando o município de Erechim este índice sobe para 59%. (SEPLAG/DEPLAN, 2008).

Em termos de produção agropecuária, constata-se que a região mensurada se trata de um território de grande potencial de produção agropecuária. Estudos apurados

³ Desenvolvida no Brasil a partir dos anos de 1960, seu objetivo era aumentar a produção agropecuária através da adoção de novas técnicas e metodologias de manejo intensivo e extensivo. Marcou a integração da tecnologia, da indústria e do campo, através da qualificação genética de rebanhos e sementes, uso de insumos industrializados, como adubos químicos e agrotóxicos, e metodologias sistematizadas e padronizadas de cultivos, entre outros. (VASCONCELOS, 2007)

revelam que entre 2004 e 2006 o Alto Uruguai foi o maior produtor de milho do RS (373,6 mil t) e entre os maiores de soja em quantidade. A produção de milho em grãos está muito relacionada com a produção animal, que representa 41,2% do VBP (Valor Bruto da Produção) da agropecuária regional (4,6% do RS), cujos segmentos mais importantes são o de suínos e o de aves, com 68,2% produção pecuária, distribuída em dezenas de estabelecimentos rurais (AMÉRICA ESTUDOS E PROJETOS INTERNACIONAIS, 2001), e a atividade leiteira, que se faz presente em 58% das unidades familiares rurais. Essas características contribuem para que a região tenha o 3º maior pólo industrial de alimentos do estado do Rio Grande do Sul, constituído principalmente pelas indústrias integradoras (AMÉRICA ESTUDOS E PROJETOS INTERNACIONAIS, 2001; SEPLAG/DEPLAN, 2008; CONSELEITE, 2013).

Contata-se que a região produz muita riqueza agrícola, entretanto, nos aspectos sociais se evidencia um contraste: segundo o Programa de Combate às Desigualdades Regionais, elaborado pelo Governo do Estado do Rio Grande do Sul, em junho de 2012, o Índice de Desenvolvimento Socioeconômico (IDESE) da região do Alto Uruguai está entre os piores do estado. O empobrecimento e abandono involuntário da terra é uma consequência deste contexto, assim como a resistência camponesa. A microrregional de Erechim caracterizou-se a partir dos anos 80 pelo aprofundamento político e social geradores de muitas lutas e conquistas especialmente no meio rural, tendo como protagonistas vários sindicatos de pequenos trabalhadores rurais, pastorais sociais e movimentos sociais ligados a Via Campesina (SEMINOTTI, 2010).

Além disso, a procura por energia barata pelo capital internacional agravou a situação social de parcela do campesinato. Em 1969, estudos apontaram a bacia do rio Uruguai e a do Iguazu as melhores para viabilizar geração de energia elétrica a custo baixo. Em 1979 aprovou-se a construção de 22 usinas na bacia do rio Uruguai, atingindo aproximadamente 35.900 pessoas, sendo 81% vivendo no meio rural. A exemplo da UHE de Itá, com capacidade 1.450 MW, atingiu aproximadamente 3.500 famílias, com centenas de camponeses expulsos sem indenização. (MOTTER, 2008).

Sobre a exploração do campesinato por parte do capital, comenta MOREIRA (2008, p. 96): “O capitalismo no campo brasileiro encontrou na apropriação da renda da terra do camponês uma das formas de garantir sua expansão sem, no entanto, assalariá-lo ou torná-lo membro de categorias da classe operária.”

3. O CAMPONÊS INTEGRADO E O SISTEMA DE INTEGRAÇÃO

Se formos conceituar o sistema de integração agroindustrial em uma abordagem técnica e resumida provavelmente a definição de Dalla Costa (1993) é bem apropriada. Para o autor, a *integração* consiste em um contrato entre a empresa e a família integrada, onde a primeira fornece a assistência técnica e insumos e a segunda a força de trabalho, energia, o capital e outros meios de produção.

De acordo com Gomes (2008), a integração torna-se interessante para a indústria por articular a necessidade de se obter matéria prima a um custo mais baixo (caso a indústria produzisse) com a capacidade de se obter maior controle de qualidade e quantidade de produção, concentrando o controle em um número menor de produtores. Gomes (2008, p. 3), assim também define o sistema de integração:

“Neste sistema, a empresa é a proprietária do lote de aves e o integrado, o fiel depositário responsável pelo seu manejo e tratamento. As regras dessa parceria são definidas pelo contrato, que especifica normas técnicas e jurídicas.”

Mas qual a origem desse sistema? Em sua história o sistema de integração teve como pioneira a empresa Sadia, em meados de 1950. O objetivo era melhorar a produção de carne de porco, substituindo o porco rústico produtor de banha para raças alternativas que agregavam mais carne e menos gordura. Este sistema permitiu reduzir o tempo de engorda para abate de 14 meses para 8 meses, para se obter um peso de 100 kg. Em 1961 a empresa entrou para o ramo avícola. (DALLA COSTA, 1993).

O novo sistema permitiu a eliminação dos atravessadores, que operavam na entrega da matéria-prima, compra do frango e transporte. Assim, como aponta Dalla Costa (1993, p. 9): “O lucro dos antigos atravessadores ficou com as empresas integradoras (...)”.

O sistema de integração tornou a produção mais intensiva e apresentou melhor resposta em relação ao tempo e à área ocupada. Essa inovação tecnológica, em termos de produtividade, permitiu que entre as décadas de 1930 e 1990 a conversão alimentar na engorda de aves aumentasse 65% reduzindo 50% da ração consumida. Com isso, reduziu-se o tempo de engorda de 105 para 45 dias (BELUSSO, 2010).

Segundo Piran (2008), foi uma mudança profunda na forma de organização da produção, o método convencional de cria e engorda de animais passou a ser substituído

por um método de escala industrial, mudando desde a quantidade de animais e submetendo o camponês as regras ditadas pelo mercado.

Entretanto, todo sistema produtivo gera consequências sociais, ainda mais sendo em grande escala. Do ponto de vista social apenas a definição técnica apresentada revela-se insuficiente. Para Piran (2008), o sistema agroindustrial subordinou o camponês, auferindo-lhe grande parcela de sua autonomia sobre o processo produtivo e sobre sua UPA. A intensificação da produção também foi um elemento que contribuiu para este cenário, intensificando assim a mão de obra familiar.

Já para Paulino (1990), é difícil falar de falta de autonomia para retratar o integrado, sendo que o camponês encontra segurança na comercialização do produto, além de que a atividade diminui a penosidade do trabalho. A autora refuta a teoria de muitos críticos de que o camponês não tem consciência ao se submeter à exploração das empresas integradoras, ele apenas não dispõe de outra atividade que seja menos penosa economicamente e fisicamente. Condição esta denominada pela autora de aceitação racional. Para o camponês integrado “(...) ocorreu um rearranjo nas redes de comercialização, onde os antigos comerciantes foram substituídos pelas grandes empresas.” (PAULINO, 1990, p, 35).

Embora as opiniões de Paulino e Piran se opõem quanto a real definição da condição do integrado no que diz respeito a sua autonomia, ambas opiniões são críticas ao sistema. Na fase inicial da cadeia produtiva quem é obrigado a investir nos meios de produção é o agricultor, que passou ao longo do tempo a reclamar ser injusta sua remuneração. Esse fato chamou a atenção de críticos do sistema, principalmente entidades sociais que atuam com agricultores (sindicatos, movimentos sociais, entre outras), e passaram a acusar que a metodologia integradora tornou a família agricultora em funcionários explorados da empresa.

3.1 Os limites da integração na produção de aves e suínos

As empresas que dominam a cadeia produtiva e comercial de frangos e suínos no sul do Brasil, utilizando-se basicamente da agricultura camponesa como base produtiva, esta totalmente dependente de um mercado globalizado controlado pela lógica do capital, a mercê de sua oferta e demanda. Mario Lanznaster, empresário que preside

uma das grandes empresas que atuam na microrregião de Erechim, recentemente em uma entrevista à Dinheiro Rural afirmou: “A direção da empresa é totalmente profissionalizada e a briga por mercado obedece a todas as regras do capitalismo”. As principais estruturas de mercado observadas do ramo são o monopólio e o oligopólio, onde predominam dois tipos de concorrência: por preço e produto. (MEDEIROS, 2009).

O desenvolvimento avícola no Brasil encontrou uma conjuntura a favor: mercado interno favorável, política agrícola com financiamentos, matéria-prima abundante e boa logística, além disso, foi “(...) atraído por subsídios, custos salariais baixos e maior flexibilidade trabalhista e ambiental.” (BELUSSO, 2010, p. 54).

Atualmente, o padrão de concorrência observado, principalmente com a globalização, torna a disputa entre as empresas cada vez mais acirrada. O que se observa hoje em dia, é que muitas empresas, principalmente as de grande porte, utilizam políticas de determinação de preço, através de diversas estratégias, como a diferenciação de produtos, investimentos em tecnologia através de pesquisa e desenvolvimento (P&D), propaganda, *marketing*, entre outras, com a finalidade de aumentar a sua parcela de mercado, conquistar consumidores fiéis à marca e, desta forma, poder ampliar a capacidade de fixar preços bem acima dos custos de produção. (MEDEIROS, 2009).

Mas, serão somente esses os meios usados para ganhar mercado?

A natureza puramente capitalista do negócio frente às denúncias de desconforto econômico de integrados, bem como o abandono cometido pelas indústrias integradoras dos produtores com baixo poder de capitalização, tem levantado a suspeita de entidades sociais, como a Federação dos Trabalhadores na Agricultura Familiar (FETRAF), que os empresários do ramo, ou capitalistas, estejam expropriando dos integrados maiores taxas de sua riqueza produzida:

(...) o agricultor integrado de aves recebe em média de R\$ 0,40 por frango inteiro (com aproximadamente 2.9 kg) e este mesmo produto é comercializado nos mercados entre R\$7,00 a R\$8,00 reais. (...) De quem e para quem fica o lucro? A carne é barata ou a remuneração dos integrados é baixa? (FETRAF, 2012, p. 01).

Já as empresas se defendem afirmando que a tal metodologia se trata de uma *parceria* e que o agricultor nada mais é que um *empreendedor rural*. Para Bampi (2010, p. 01), empresário do ramo avícola: “É absurda a sugestão de transformar avicultores

integrados em empregados das agroindústrias em regime de CLT. Os criadores são empresários rurais, proprietários de seus imóveis (...)”. E mais, afirmam os defensores da integração que o sistema é um patrimônio do agronegócio nacional (AVÍCULTURA INDUSTRIAL, 2013). Já para FETRAF (2012), o termo usado pelas empresas integradoras de *empresário rural*, para definir o integrado, é apenas discurso para atrair investidores urbanos, com maior poder de capital, ou seja, atrair capitalistas para o ramo.

A essência da exploração sobre o camponês ao longo da história permanece, muda apenas o processo produtivo e aparece a figura dos bancos, por onde o agricultor consegue grande parte do capital para viabilizar seus meios de produção. A situação do camponês sempre se submeteu a uma superexploração, por parte de que sujeitos? Atravessadores, comerciantes locais, o “novo” oferece melhores condições, e uma relação menos “penosa” acaba por conquistar mais a confiança dos camponeses. Além disso, o sistema integrado oferece ao camponês a garantia da venda, o que antes não tinha, e facilita a busca por insumos. (PAULINO, 1990).

Se a análise da FETRAF está correta, estes últimos dois parágrafos apresentam um paradoxo, o interesse de duas classes com ambições opostas. De um lado o espírito capitalista, do empreendedor, da acumulação. Do outro, em desvantagem, a família camponesa lutando para sobreviver em seu modo de vida. O camponês fica refém do sistema capitalista. Para Belusso (2010, p.19): “O integrado é submetido a homogeneização técnica pra atingir o padrão de racionalidade e o nível de acumulação que as empresas se propõe”

Meneghello (1999) em sua pesquisa aborda o nível de satisfação dos produtores integrados em relação a atividade. Dos produtores de suínos, 58% estão satisfeitos e 32% não estão satisfeitos. Entre os satisfeitos 30% têm a suinocultura como principal atividade. Quanto ao nível de satisfação dos produtores de frango, 59% estão satisfeitos, 41% não satisfeitos. Entretanto, os agricultores insatisfeitos apresentaram ter mais acesso a informação e participação comunitária mais ativa.

Com o passar do tempo, as exigências das empresas passaram a ser maiores e somente se mantêm na atividade quem cumpri-las. Essas exigências, geralmente de ordem sanitária e tecnológica, têm um custo financeiro para o agricultor e, somado a constantes crises, o integrado passou a reclamar a diminuição de sua renda (PIRAN, 2001).

No entanto, na outra ponta da cadeia as empresas anunciam altos lucros. Segundo Exame (2009), as três empresas que atuam no sul do Brasil então entre as 30 maiores do agronegócio do país, tendo no período de 2008 e 2009 um lucro líquido ajustado em 836,5 milhões. Das duas maiores empresas que atuam na microrregião de Erechim, a BRF-Brasil Foods apresentou lucro líquido de 804 milhões em 2010. A gigante Aurora obteve um faturamento em 2010 de 3,1 bilhões de reais, com um lucro de 172 milhões, lhe auferindo um crescimento de 13% (FOLHA DE SÃO PAULO, 2011; DEBONA, 2011).

Diante desse contexto de exclusão e exploração, a FETRAF (2012), denuncia que “(...) estas agroindústrias sempre foram altamente subsidiadas, beneficiadas com recursos públicos, principalmente via Banco Nacional de Desenvolvimento Economico e Social (BNDES). Novamente a lógica do capitalismo: privatizam-se os lucros, socializam-se os prejuízos.”

Para os críticos do Agronegócio, a modernização que a agricultura brasileira passou a percorrer a partir da década de 1960 não beneficiou muito os camponeses. Dessa forma a abordagem sistêmica proposta pelo autor poderá fornecer as condições necessárias para a realização de um diagnóstico e de uma avaliação crítica do sistema produtivo implementado nas UPAs. Além disso, somado ao cálculo do valor agregado (VA), a metodologia de análise também é uma ferramenta cujo principal objetivo é contribuir para a elaboração de linhas de planejamento, seja na melhoria dos sistemas de produção em uso seja na introdução de novos sistemas de cultivo ou criação. Sendo assim, no capítulo seguinte serão sistematizados os resultados obtidos através dos diagnósticos.

4. A REPRODUÇÃO SOCIAL E ECONÔMICA DOS INTEGRADOS

A metodologia de análise adotada neste capítulo, do valor agregado, alimentada pela análise-diagnóstico dos sistemas agrários, se distingue das tradicionais análises econômicas baseadas no lucro e custo. O sistema proposto também busca dimensionar toda a riqueza destruída para produção de uma nova riqueza, seja ela para subsistência ou para troca, a *mercadoria*. O método torna possível dimensionar a Renda Agrícola (RA) e, a partir dela, averiguar se a unidade produtiva está garantindo a reprodução social e econômica de seus agentes bem como da própria UPA.

No capítulo 1 de *O Capital*, Karl Marx descreve a *mercadoria* como sendo a riqueza capitalista (MARX, 1974). É através da mercadoria (atualmente não somente por ela) que ocorre a expropriação do trabalho alheio, levando a acumulação do capital. Moreira (2008), afirma que foi através da expropriação da renda da terra por parte do sistema em questão que as famílias camponesas se subordinaram ao capital, o que leva a afirmar com mais veemência que este modelo econômico comprometeu e continua comprometendo a reprodução social das famílias camponesas.

Para Silva (2009, p. 90-91), o capitalismo não opera segundo as necessidades da sociedade, mas de sua própria necessidade, da acumulação, gerador das desigualdades sociais comprometendo assim a reprodução social do campesinato:

(...) o próprio desenvolvimento do sistema capitalista é um desenvolvimento contraditório, no qual a acumulação de capital por certas unidades de produção é acompanhada pela 'desacumulação' em outras, provocando processos de diferenciação social que culminam na eliminação de parte das unidades produção.

O diagnóstico dos sistemas agrários também considera alguns elementos usados para a produção de bens de consumo e mercadorias que normalmente são ignoradas pelos agricultores e por métodos tradicionais de análises econômicas e contábeis. Elementos como energia, água, depreciação, força de trabalho, entre outros, que são destruídos na produção de um novo produto, mas que para a produção do mesmo é fundamental, bem como para acumulação capitalista. “O que denomina a literatura econômica do ‘valor agregado’ corresponde à riqueza propriamente dita, ou seja, a diferença entre a riqueza gerada na unidade de produção e a riqueza destruída no processo produtivo”. (SILVA, 2009, p.93).

Para compreender melhor o conceito da reprodução social, “(...) o ponto de partida é a noção de que uma unidade de produção é reprodutível quando fornece uma renda suficiente para que a reprodução social dos agentes econômicos dela dependentes seja assegurada”. (SILVA, 2009, p.93).

Ou seja, para sobreviver no atual sistema social é necessário que o agente econômico (no caso deste trabalho o campesinato) obtenha uma renda econômica para que possa sobreviver, reproduzir sua família e sua UPA. Como referência, a remuneração adotada será o padrão do salário mínimo por trabalhador adulto, ou Unidade de Trabalho Familiar (UTF). O Nível de Reprodução Simples (NRS) é o nível baseado no salário mínimo. Acima, está capitalizando, abaixo, descapitalizado.

Este comparativo é também dimensionado ao que é chamado de *custo de oportunidade*, ou seja, aquilo que o agente econômico poderia obter se aplicasse seus meios de produção e recursos financeiros em outra atividade, ou até mesmo a venda de sua força de trabalho. Por que o salário mínimo como referencia comparativa? É a mínima remuneração financeira para quem vende sua força de trabalho, considerada, pelo artigo 7º, da Constituição da Republica Federativa do Brasil, ser a quantia necessária “(...) capaz de atender a suas [do trabalhador] necessidades vitais básicas e às de sua família com moradia, alimentação, educação, saúde, lazer, vestuário, higiene, transporte e previdência social (...)”. (CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL, 1988).

Estes foram os pressupostos que orientaram o diagnostico a campo. O mesmo foi realizado a partir de entrevistas semi-estruturadas⁴ e buscou analisar o processo de gestão das famílias entrevistadas com ênfase para os aspectos sociais, infraestruturais, produtivos e técnico-econômicos, segundo Garcia Filho (1995) e Lima (2001).

⁴ De acordo com MINAYO (1999), a entrevista semi-estruturada articula questões dirigidas (fechadas) e abertas visando o levantamento de dados objetivos e subjetivos.

4.1 Diagnóstico sócio produtivo

4.1.1 Diagnóstico na UPA da família A

A família A é composta por três integrantes: o pai (52 anos), mãe (49 anos) e o filho (26 anos). A propriedade rural é de 21 ha, porém somente 10,5 são utilizados, nos quais são desenvolvidas seis atividades agropecuárias para comercialização: integração de frango, fumo, leite, laranjas e milho (na Tabela 01, do Valor Agregado, esta quantificada a Produção Bruta da UPA). A atividade integrada do Frango, adotada há sete anos, é uma das principais atividades da UPA, juntamente com a produção de leite e fumo.

Sobre o uso de *força de trabalho X tempo* empregado na UPA, a família declarou que são utilizadas aproximadamente 35 horas por dia de trabalho familiar (média semanal entre todos os integrantes da UPA), sendo a mulher (mãe) a que mais força de trabalho emprega, 14 horas. Somente o aviário necessita de 9 horas de trabalho por dia, de segunda a segunda (63 horas semanais), que é executada pela própria família. A produção agropecuária da UPA está assim disposta na Tabela 01.

Observa-se que a propriedade é bem diversificada, produz um Produto Bruto (PB)⁵ de 52,9 mil reais, descontando as despesas declaradas sobram aproximadamente 38 mil reais. Descontando a depreciação das instalações e equipamentos que auxiliam a produção, produz um Valor Agregado (VA) de R\$ 35.178,17, ou 11.726,06 por UTF. Para calcular a depreciação foi utilizado o método linear, de acordo com Lima *et al.* (2001), cuja fórmula é $D = \frac{VN - VR}{VU}$, onde VN= Valor do bem novo, VR=Valor Residual e VU= Valor do bem usado.

A Superfície Agrícola Útil (SAU) da família A está em 3,5 hectares por UTF (SAU/UTF) e apresentou uma Renda Agrícola (RA)⁶ por UTF de R\$ 11.336,82. Para o cálculo da RA são descontados todos os custos intermediários (CI), depreciação e a Distribuição do Valor Agregado (DVA)⁷, dividido pela Unidade de Trabalho Familiar

⁵ PB é o valor da produção gerada durante o ano pela UPA. (LIMA, *et al.*, 2001).

⁶ A Renda Agrícola é a parte do VA que fica com o agricultor para remunerar o trabalho familiar e o seu patrimônio, durante o ano. (LIMA, *et al.*, 2001).

⁷ O DVA é a parte do valor agregado que é apropriado por agentes externos que intervêm no processo produtivo, sendo neste caso o imposto Funrural e a taxa do sindicato. O Funrural é uma contribuição destinada à previdência social e que é cobrada em cima da venda de todos os produtos agrícolas (RURAL

(UTF). De acordo com esses dados, o Nível de Reprodução Simples (NRS) da família está no momento assegurado, conforme a Gráfico 01. Provavelmente assegurada pela atividade fumageira por ter apresentado um elevado retorno em relação ao CI:

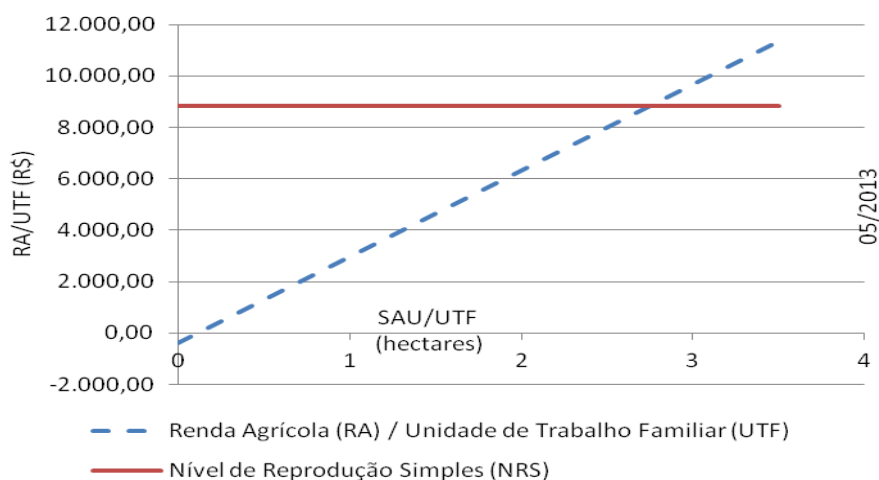
Tabela 01: Média anual do Valor Agregado* (VA) da unidade de produção da família A, Produto Bruto (PB) e Custo Intermediário⁸ (CI) por atividade.

Atividade econômica por área em hectares (ha)	Produto Bruto (PB) em R\$	Custo Intermediário (CI) em R\$
PB e CI do aviário 2,5 ha	18.144,00	(7.914,00)
PB e CI do fumo 1,0 ha	11.250,00	(1.500,00)
PB e CI do pomar 1,0 ha	1.800,00	-
PB e CI do leite 4,0 ha	13.797,00	(3.750,00)
PB e CI do Milho 1,0 ha	2.200,00	(750,00)
PB e CI da subsistência 1,0 ha	5.781,10	(1.000,00)
Total Geral PB e CI	52.972,10	52.972,10
Resultado do Valor Agregado Bruto (VAB)		38.058,10
<i>Depreciação (D): equipamentos, máquinas e instalações</i>		<i>(2.879,93)</i>
Resultado do Valor Agregado (VA)		35.178,17
<i>Distribuição do Valor Agregado (DAV)</i>		<i>(1.167,71)</i>
Resultado da Renda Agrícola (RA)		34.010,46

Fonte: pesquisa de campo - vide cálculo detalhado nos apêndice 01 e 02.

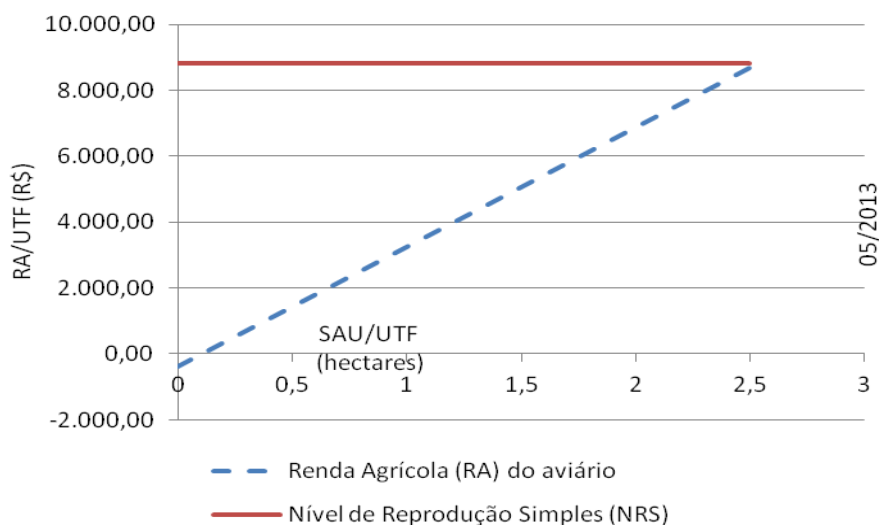
*O cálculo do Valor Agregado: VA= PB-CI- D

CENTRO, 2010). Para esta trabalho foi usada a taxa 2.11%, averiguada na maioria nas notas fiscais de venda dos produtos fornecida pelas famílias entrevistadas. A taxa do sindicato foi declarada em R\$ 50,00.
⁸ De acordo com Lima, *et al* (2001), o Custo Intermediário (CI) é valor dos insumos e serviços destinados ao processo de produção adquiridos de outros agentes econômicos.

Gráfico 01: Renda Agrícola (RA/UTF) da família A

Fonte: Pesquisa de campo.

Se for isolada e analisada somente a atividade do frango o que ela corresponde para a UPA? No Gráfico 02, é possível observar que a linha da RA não ultrapassa a linha do NRS. Para a atividade são reservados 2,5 hectares, sendo pouco mais de dois deles para produção de lenha, que é transformada em energia para o aquecimento do aviário. A Tabela 02 relaciona as despesas declaradas pela família para a atividade do frango.

Gráfico 02: Renda Agrícola (RA) do aviário X Nível de Reprodução Simples (NRS) - família A

Fonte: Pesquisa de campo.

Tabela 02: Demonstrativo de custos e resultado econômico de um lote de frango da família A.

Item de despesa	Lote (R\$)	Ano (R\$)
Água	(20,00)	(120,00)
Maravalha (5m ³)	(200,00)	(1.200,00)
Desinfetante	(125,00)	(750,00)
Manutenção	(100,00)	(600,00)
Combustível trator	(46,00)	(276,00)
Carregamento	(320,00)	(1.920,00)
Lenha*	(300,00)	(1.800,00)
Depreciação	(187,50)	(1.125,00)
Energia	(200,00)	(1.200,00)
Funrural	(69,55)	(417,30)
Acriadaf	(8,00)	(48,00)
<i>Total dos custos</i>	<i>(1.576,05)</i>	<i>(9.456,30)</i>
Receitas		
Venda lote**	3.024,00	18.144,00
<i>Total da receita</i>	<i>3.024,00</i>	<i>18.144,00</i>
Resultado final	1.447,95	8.687,70

Fonte: Pesquisa de campo.

* 10m³p/lotex30,00.

** 9000-4% x R\$ 0,35 (O cálculo, segundo as notas fiscais analisadas, é feita por kg, sendo que para este trabalho foi convertido por unidade de frango).

De acordo com o Gráfico 02, a atividade do frango isolada seria insuficiente para garantir a reprodução social da família A. Observou-se também que a família não considera os custos da lenha, a depreciação e a força de trabalho, demonstrando uma frágil gestão sobre a atividade. Quando questionada à família sobre os motivos que os levaram praticar a criação de frango, a resposta dada foi pela procura de uma alternativa que podia obter-se mais renda e de forma frequente, para assim garantir a sobrevivência da família no campo. A sobra do esterco como subsídio a outras atividades também foi apontado como motivo. A conversão média de cada lote declarada pela família é de 1,78.⁹

Quando questionados sobre o grau de satisfação com o aviário houve discordância entre os integrantes. Para o pai e o filho, estão “mais ou menos” satisfeitos, já a mãe não está satisfeita. Os principais motivos: muito trabalho, pouca renda e perda de autonomia sobre sua UPA, uma vez que agentes externos (referindo-se aos técnicos) e o sistema em si interferem não somente na atividade, mas no modo de vida da família.

⁹ Em 2009, padrão médio do índice de conversão alimentar da Aurora era de 1,85 (MDA, 2009). Não foi encontrado a tempo um padrão atualizado.

Ironicamente, para atender a determinação da empresa em construir um escritório para o técnico, que usará no máximo duas vezes por mês, o filho teve que parar de construir sua casa por não ter capital para manter as duas obras em andamento. Segundo o filho, que administra o aviário, a solução é automatizar o aviário e dobrar a capacidade de alojamento. Ele está estudando a possibilidade, mas teme o alto investimento que custaria de 150 a 200 mil Reais. De acordo com a família, o investimento seria maior do que vale sua propriedade e, se manter os mesmos preços levaria aproximadamente de 9 a 12 anos para se pagar.

4.1.2 Diagnóstico na UPA da família B

Na verdade são duas as famílias que residem na mesma UPA e trabalham de forma coletiva. O pai (58 anos), a mãe (56 anos), o filho (28 anos), a nora (30 anos) e a neta (1 ano). A UPA dispõe de 15,7 hectares, sendo aproveitado 11,5. São desenvolvidas cinco atividades, sendo: leite, frango, porcos (em baixa escala), milho e pomar (uva e pêsego). A produção bruta dessas atividades está distribuída e sistematizada na Tabela 03. Tratando-se de uso de *força de trabalho X tempo*, para “tocar” a propriedade, a família declarou que são utilizadas em média 42 horas por dia (média semanal entre todos os integrantes da UPA), sendo as mulheres as que mais força de trabalho empregam, 22 horas diárias (11 cada uma).

Observa-se que esta UPA apresenta um bom grau de diversificação, produz um PB de 60,9 mil Reais, descontando o CI declarado sobra uma Valor Agregado Bruto (VAB) de aproximadamente 30,7 mil reais. Descontando a depreciação das instalações, máquinas e equipamentos que auxiliam a produção, produz-se um VA de R\$ 26.471,48.

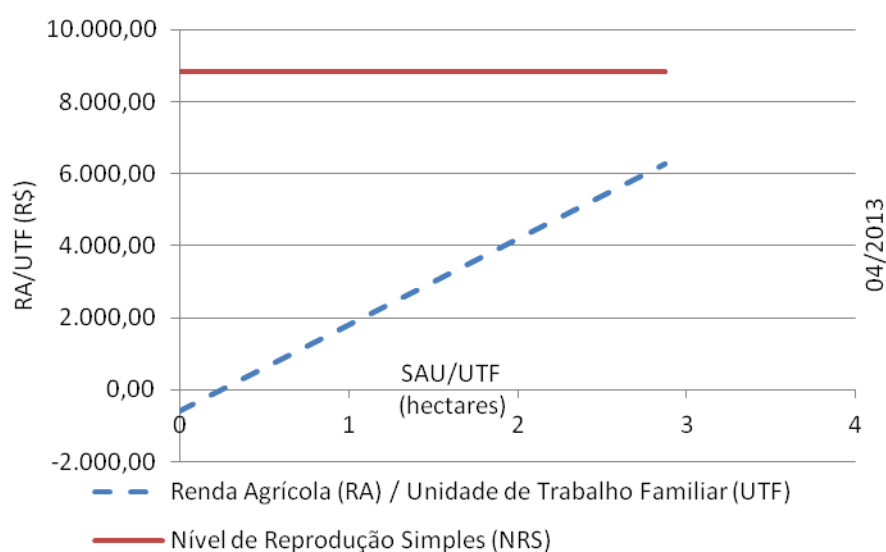
A SAU por UTF da família B está em 2,87 hectares. Descontando o DVA, a UPA apresentou uma RA por UTF de R\$ 6.284,08 (em um total de 25.136,31). Já VA por UTF ficou em 6.617,47, em um total de 26.417,48. De acordo com esses dados o NRS não está garantida, pois a curva do RA/UTF não ultrapassa a curva da NRS, conforme o gráfico 03. Ou a SAU é insuficiente para garantir a reprodução social da família, ou a UPA necessita de uma reconfiguração em suas atividades.

Tabela 03: Média anual do Valor Agregado da unidade de produção da família B, Produto Bruto (PB) e Custo Intermediário (CI) por atividade.

Atividade econômica por área em hectares (há)		Produto Bruto (PB) em R\$	Custo Intermediário (CI) em R\$
PB e CI do aviário	1,5 ha	14.500,80	(10.960,00)
PB e CI do porco	0,5 ha	3.000,00	(2.400,00)
PB e CI do pomar	1,5 ha	11.250,00	(2.750,00)
PB e CI do leite	3,5 ha	16.863,00	(10.117,00)
PB e CI do Milho	4,0 ha	8.800,00	(3.000,00)
PB e CI da subsistência	0,5 ha	6.494,60	(1.200,00)
Total Geral PB e CI		60.908,40	(30.157,00)
Resultado do <i>Valor Agregado Bruto</i> (VAB)			30.751,40
<i>Depreciação</i> (D): equipamentos, máquinas e instalações			(4.279,92)
Resultado do <i>Valor Agregado</i> (VA)			26.471,48
<i>Distribuição do Valor Agregado</i> (DAV)			(1.335,17)
Resultado da <i>Renda Agrícola</i> (RA)			25.136,31

Fonte: pesquisa de campo - vide cálculo detalhado nos apêndice 03 e 04.

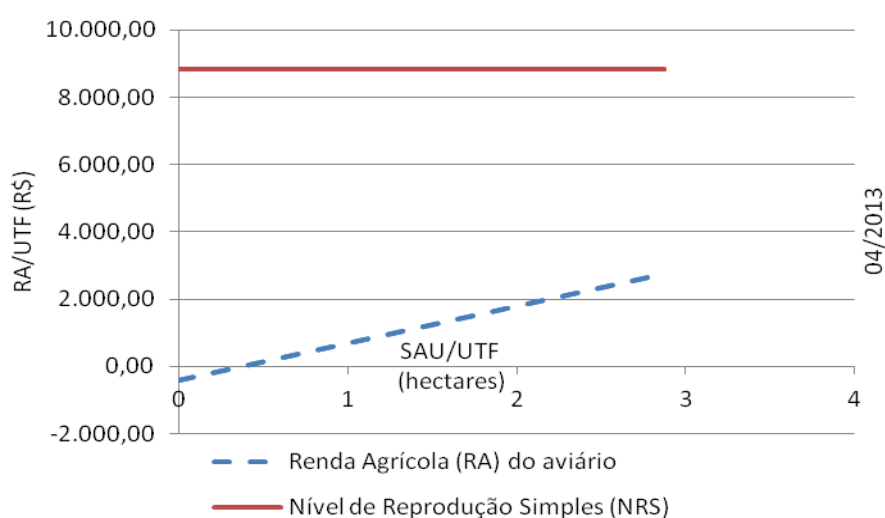
Gráfico 03: Renda Agrícola (RA/UTF) da família B



Fonte: pesquisa de campo.

Se isolada e analisada as demais atividades o que correspondera a atividade o aviário para a família B? No Gráfico 04, pode-se observar que a linha da RA também não ultrapassa a linha do NRS. Para a atividade são reservados 1,5 hectares, sendo pouco mais de um deles para produção de lenha, que é transformada em energia para o aquecimento do aviário. Igualmente a primeira família, os custos de lenha, de mão de obra e depreciação não são contabilizados. A tabela 04 relaciona as despesas declarada pela família para a atividade do frango.

Gráfico 04. Renda Agrícola (RA) do aviário X Nível de Reprodução Simples (NRS) - família B



Fonte: pesquisa de campo.

Os dados econômicos da Tabela 04 representados no Gráfico 04 podem explicar o porquê a família abandonou a atividade, mas não se trata somente de renda. De acordo com a família, além da baixa remuneração a qualidade de vida piorou devido ao aviário. Relataram o excesso de trabalho, a excessiva dedicação e atenção que exige a atividade que também ocorre de madrugada, principalmente no inverno. Foi utilizado o termo “escravo” da atividade por um integrante da família, pois a mesma pauta os horários e a liberdade da família. A intenção da família quando procurou se integrar a cadeia de frango era a mesma da família A. A conversão dos últimos lotes foi alta, 1,83 (de acordo com observações feitas em documentos fornecidos pela família), o que provavelmente explicaria o alto custo, mas a família questiona se a empresa recebe menos pelos seus frangos no mercado.

Tabela 04: Demonstrativo de custos e resultado econômico de um lote de Frango da família B

Item de despesa	Lote (R\$)	Ano (R\$)
Água	(60,00)	(360,00)
Maravalha (5m ³)	(145,80)	(874,80)
Desinfetante	(100,00)	(600,00)
Manutenção	(150,00)	(900,00)
Combustível trator	(132,00)	(792,00)
Trator terceirizado	(140,00)	(840,00)
Carregamento	(454,00)	(2.724,00)
Lenha	(270,00)	(1.620,00)
Depreciação	(150,00)	(900,00)
Energia	(300,00)	(1.800,00)
Funrural	(51,11)	(306,66)
Senar	(4,87)	(29,22)
<i>Total dos custos</i>	<i>(1.957,78)</i>	<i>(11.746,68)</i>
Receitas		
Venda lote *	2.416,80	14.500,80
<i>Total da receita</i>	<i>2.416,80</i>	<i>14.500,80</i>
Resultado final	459,02	2.754,12

Fonte: pesquisa de campo

*5.700 x R\$ 0,424

5. ANÁLISE DOS RESULTADOS

De acordo com os resultados, a integração de frangos se revelou insatisfatória para as famílias entrevistadas, que operam no sistema convencional. Este estudo pode levantar a suspeita de que as demais integrações avícolas da microrregião de Erechim, que operam na mesma metodologia das famílias entrevistadas, apresentem resultados semelhantes. Mas, para tal confirmação careceria de um estudo mais amplo. Coincidência ou não, talvez isto explique o porquê na comunidade em que os entrevistados residem possuía vinte e dois integrados e, em sua maioria, na metodologia manual. Agora somente existem seis famílias integradas.

Outros autores que pesquisaram sobre o tema também têm apontado problemas da mesma natureza. Belusso (2010) relata que as pequenas propriedades rurais tendem a abandonar o mercado avícola, propriedades que foram fundamentais em longos anos para o setor. Mas, devido às novas exigências do mercado mundial (tecnologia, maior escala, sanidade, mobilidade, etc.), o setor requer, sobretudo, integrados com melhor capacidade financeira e maior espaço físico para alojar mais frangos. Este é um exemplo claro que a agricultura camponesa está sempre competindo com a intensificação tecnológica.

O resultado econômico obtido pelas famílias também contrasta com o lucro da empresa integradora que as famílias estão submetidas. A Aurora apresentou no final de 2012 um lucro 180 milhões de Reais (só o setor de aves foi responsável por 802 milhões em lucro bruto), crescendo 30% em relação a 2012 (GLOBO RURAL, 2012), o que faz desta a 25ª maior empresa do agronegócio brasileiro (EXAME, 2012).

Medeiros, *et al* (2009), analisando o mercado avícola, relatou que o desempenho do que diz respeito aos resultados de uma determinada empresa ou setor deve-se às variáveis tais como: a lucratividade, vendas internas e externas, inovação tecnológica, entre outros. De acordo com o resultado econômico das entrevistas, reflete-se a mesma situação dos demais aviários similares. Pode-se inferir que uma das variáveis que compõe os “entre outros”, relatado por Medeiros, possa ser a exploração indevida dos integrados.

No Quadro 1, esta relacionada de forma mais dinâmica as impressões das famílias entrevistadas sobre o sistema integrador e a atividade avícola, no que tange às vantagens e desvantagens.

Quadro 01: Vantagens e desvantagens apontadas pelas famílias em relação à integração de aves

Vantagens	Desvantagens
Renda ao longo do ano	Baixa remuneração
Esterco (diminui a compra de adubo)	Jornada de trabalho extensiva e intensiva
Diversificação	Reduz a qualidade de vida
	Exige alto investimento e sob responsabilidade do integrado.
	Exigências sanitárias cada vez mais rígidas que exigem mais investimentos
	Perda de autonomia da família dentro da UPA por agentes externos

Fonte: Pesquisa de campo.

Com relação à última observação da tabela, que diz respeito à autonomia, ambas as famílias se queixaram da interferência direta dos técnicos da empresa sobre sua propriedade rural, não somente sobre a atividade avícola. Muitas mudanças devem ser adotadas tais como: não poder mais criar aves caipiras para o consumo, a mudança na organização do tempo devido ao horário exigido pela atividade e até colocar o conforto do técnico da empresa acima do direito a moradia da família. São elementos que alteram o modo de vida das famílias.

Através destas questões, é possível compreender a afirmação de Fabrini (2008) sobre os sistemas integrados, pois muitos agricultores rejeitam ou sentem-se incomodados com as grandes cooperativas e agroindústrias, pois elas interferem na autonomia de seu território, controlam o tempo e o espaço da unidade produtiva, são formas estranhas do mundo do campesinato. Também a crítica à jornada de trabalho abordada por Piran (2001) apareceu nas entrevistas, como aponta a Tabela 05.

Um fato curioso, que vai ao encontro da pesquisa de Meneghelo (1999). A família B, que se mostrou mais insatisfeita e crítica ao sistema de integração, tem em seu histórico uma vida comunitária mais intensa do que a família A. Essa história é marcada pela militância em movimentos sociais, pastorais sociais e sindicatos de todos os membros da família.

A metodologia de análise em questão mostrou-se muito eficiente pelo fato de analisar em particular cada atividade integrada com as demais atividades internas da UPA, facilitando também em possível orientação sobre rearranjo de suas atividades agropecuárias aos agentes da UPA.

Assim, a semelhança entre ambos pode ser um caso singular frente à realidade de todos os integrados de frangos da microrregião de Erechim. Por outro lado, a particularidade do objeto pesquisado, por estar incorporado a um sistema padronizado, pode expressar o que ocorre na maioria dos sistemas similares aos entrevistados distribuídos na região

A família A, espantada com o resultado da pesquisa, questionou a respeito das atividades de sua UPA.

Frente ao questionamento e com os resultados da análise foram discutidas, pelo menos, três opções: a primeira, seria um integrante da família vender sua mão de obra por um salário mínimo e vender a lenha ao mercado, que aparentemente mostra-se mais lucrativo o aproveitamento da superfície agrícola útil usada para a produção de frango; a segunda, é seguir a exigência do mercado em escala de produção e tecnologia, assumir o risco de um grande investimento, maior do que o valor da propriedade; a terceira, seria melhorar o aproveitamento de outras atividades em relação à superfície agrícola útil, principalmente na atividade leiteira. Aumentar a quantidade de vacas em lactação acompanhada com um melhoramento genético e pastagem de qualidade para aumentar a produção de leite. A terceira opção parece ser a mais adequada para a família A.

A partir dos dados sistematizados, com o auxílio do cálculo do valor agregado, ficou constatado o grau de exploração a que as famílias entrevistadas estão submetidas. Embora existam bons argumentos de que o sistema manual de manejo não seja mais apropriado para o padrão de mercado atual, a remuneração dos lotes aos agricultores ainda contrasta com os grandes faturamentos das empresas.

Desta forma, também é possível compreender o forte êxodo rural e os indicadores de pobreza que micro-região de Erechim está submetida, relatados no primeiro capítulo. Não é só responsabilidade das integradoras a atual situação. Mas, de acordo com resultados do diagnóstico somado com o atual contexto do sistema integrador, inapropriado para o campesinato, a integração avícola em nada parece contribuir para mudar a conjuntura socioeconômica regional.

Se o sistema se apresenta tão explorado porque muitos insistem em continuar, a exemplo da família A? Para Lima *et al* (2001, p. 43) a unidade de produção familiar orienta sua racionalidade para garantir sua própria reprodução social, enquanto família e unidade de produção, “(...) assim, para diminuir o risco de sua reprodução social abre mão do excedente econômico”.

Para Paulino (1990), trata-se de uma questão complexa, para o integrado, embora reconheça o baixo rendimento, é comum não considerar uma atividade que dê prejuízo, pois geralmente considera prejuízo onde ocorre perda de parte da produção e necessitam “tirar” de outra atividade para cobrir os prejuízos. Em primeiro lugar vem a reprodução social de sua família, a integração é secundária.

Belusso (2010) comenta que para o capital somente os produtos agropecuários são valorizados, mas existem outros elementos, como a valorização do espaço rural, isto é, seus recursos naturais, suas populações, sua cultura, etc.

6. CONCLUSÕES

O sistema de integração é um debate polêmico, longe de terminar. A questão é que outras atividades tradicionais em pequenas propriedades rurais, como os grãos, sempre remuneraram o camponês de forma insatisfatória. E, poucas culturas trazem uma renda em tão pouco espaço de tempo e quase imune a intempéries naturais como o sistema de integração. Parece que as empresas de integração se aproveitam dessa desvantagem do camponês.

De acordo com os resultados do cálculo da RA por UTF, em relação ao NRS, notou-se que a família A está conseguindo um pequeno grau de capitalização. O que não ocorre com a família B.

Quanto à atividade avícola, em ambos os resultados têm mostrado uma baixa renda por UTF. Mas, as entrevistas revelaram que o principal problema não é somente quantitativo, mas qualitativo. Ambas as famílias declararam que qualidade de vida baixou após a integração.

Os resultados obtidos por este trabalho comprovam as muitas críticas de que a atividade integradora avícola, operada no método manual, por si só não é compensadora para o camponês. Mesmo quando observada de forma integrada às demais atividades o resultado da renda também não foi nada animador.

Uma alternativa seria automatizar e dobrar a capacidade de engorda dos aviários, mas o risco do alto financiamento assusta as famílias. Em hipótese de uma crise no setor, o prejuízo das instalações e financiamento das mesmas é de total responsabilidade das famílias.

O estudo também serviu para demonstrar o processo de gerenciamento interno das UPA's pelas famílias. Alguns elementos usados na produção de bens de consumo e mercadorias não são considerados como custo. O capital não se apropria somente da mercadoria produzida, mas do que foi destruído no processo produtivo da mesma. No caso do integrado, a energia, a depreciação e o trabalho humano são apropriados pelas empresas em forma de proteína animal, em que o resultado final é o empobrecimento dos camponeses e o enriquecimento das empresas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMÉRICA ESTUDOS E PROJETOS INTERNACIONAIS. **Agenda de Projetos Estratégicos para o Desenvolvimento da Região do Alto Uruguai/RS**. V1. Porto Alegre, 2006.

AVICULTURA INDÚSTRIAL. **Sistema de integração na avicultura**. Disponível em: <http://www.aviculturaindustrial.com.br/PortalGessulli/WebSite/Noticias/sistema-de-integracao-na-avicultura,20101216084637_G_405,20081118090510_F_732.aspx>
Acesso em: 03 abr. 2013

BAMPI, Valter. **Sistema de Integração Avícola é um sucesso mundial**. Disponível em: <<http://www.aviculturaindustrial.com.br>> Acesso em: 03 abr. 2013.

BELUSSO, Diane. **A integração de agricultores às cooperativas agrícolas abatedouros de frangos no oeste do Paraná**. 2010. Tese (Doutorado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, São Paulo.

CONSELEITE. **Alto Uruguai investe em leite**. Disponível em: <<http://www.conseleite.com.br/?p=noticias&id=513&ano=2011&mes=8>>. Acesso em: 23 abr. 2013.

CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm> Acesso em 26 de jun. 2013.

DALLA COSTA, Arnaldo. **Empresas Agroindustriais e Transformações no Trabalho**: Mudanças na tecnologia e na organização do trabalho entre os avicultores. Art. UFPR, 1993.

DEBONA, Darci. **Cooperativa catarinense Aurora cresceu 13% em 2010 com lucro de R\$ 172 milhões**. Diário Catarinense, 2011. Disponível em: <<http://www.clicrbs.com.br/diariocatarinense/jsp/default.jsp?uf=2&local=18§ion=Geral&newsID=a3197927.htm>> Acessado em 25 de junho de 2013> Acesso em 01 de jun. 2013.

DINHEIRO RURAL. **O rei das cooperativas**: Conheça a história de Mario Lanznaster, um agrônomo que se transformou num "homem de R\$ 3 bilhões", à frente dos agricultores da Aurora e da Cooperalfa. Disponível em: <<http://revistadinheirorural.terra.com.br/secao/agronegocios/o-rei-das-cooperativas>>

Acesso em 02 de jun. 2013.

GARCIA FILHO, Danilo Prado. **Guia Metodológico dos Sistemas Agrários**. In: Projeto de Cooperação Técnica INCRA/FAO. Brasília, 1999. Disponível em <<http://www.ufrgs.br/pgdr/arquivos/524.pdf>> Acesso em 02 de abr. 2013.

EXAME. **As 50 maiores empresas do agronegócio em 2011**. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/negocios/noticias/as-50-maiores-empresas-do-agronegocio-em-2012>> Acesso em 26 de jun.2013.

____. **50 maiores: lucro**. In: **Anuário Exame 2008.2009: agronegócio**, Abril, p.85-85, jun. 2009.

FETRAF. **A crise no sistema de integração**. Disponível em: <http://www.fetrafsul.org.br/2011/index.php?option=com_content&view=article&id=2256:a-crise-no-sistema-de-integracao&catid=1:ultimas-noticias&Itemid=104> Acesso em: 01 mai. 2013.

FABRINI, João Edmilson. **Entrando nos territórios do território**. In: PAULINO, Eliane Tomiasi; FABRINI, João Edmilson. **Campesinato e territórios em disputa**. São Paulo: Expressão Popular, 2008. p. 239-271.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Lucro da Brasil Foods cresce 125% em 2010**. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mercado/893632-lucro-da-brasil-foods-cresce-125-em-2010.shtml>> Acesso em 24 de jun. 2013.

GLOBORURAL. **Aurora encerra 2012 com lucro de R\$ 180 milhões, alta de mais de 30%**. Disponível em: <<http://sistema103.com/103/noticias/50078/Fetrafsul+participa+de+reuni%C3%A3o+com+Minist%C3%A9rio+P%C3%ABlico+para+discutir+integra%C3%A7%C3%A3o.html>> Acesso em 14 de abr. 2013.

GOMES, Ana Paula Wendling; GOMES, Adriano Provezano. **Sistema de integração na avicultura de corte: um estudo de caso na região de Viçosa – MG**. 2008. Trabalho apresentado no XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural, Rio Branco, 2008. Disponível em: <<http://www.sober.org.br/palestra/9/965.pdf>> Acesso em: 01 mai. 2013.

JUNIOR, Caio Prado. **Historia Econômica do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

SEMINOTTI, Jonas José. **Os movimentos do meio rural no Alto Uruguai Gaúcho: Perspectivas na atuação da FETRAF e VIA CAMPESINA**. In: Movimentos Sociais Participação e Democracia, Anais do III Seminário Nacional e I Seminário

Internacional. Florianópolis, 2010, p. 327-346. Disponível em: <<http://www.sociologia.ufsc.br/npms/mspd/a020.pdf>> Acesso em 14 mai.2013.

SEPLAG/DEPLAN. **Produção de soja no Produção de soja por COREDE: média 2004 /2006.** Disponível em: <http://www.scp.rs.gov.br/upload/Soja_coredes04_06.pdf> Acesso em 01 mai.2013.

IBGE, **Senso 2010.** <Disponível em www.ibge.gov.br> Acesso em 01 mai. 2013.

LIMA, Arlindo J.P. *et al.* **Administração de unidades produtivas de produção familiar:** modalidades de trabalho com agricultores. 2 ed. Ijuí: UNIJUI, 2001.

MARX, Karl. **O Capital:** O processo de produção do capital. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974.

MEDEIROS, Natalino Henrique; SOUZA, Flavia. **Estrutura, Conduta e Desempenho de Mercado da Avicultura Paranaense:** um estudo de sua organização industrial recente. 1985. Trabalho apresentado no 47º Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Economia Rural. POA, 2009. Disponível em: <http://www.sober.org.br/palestra/13/692.pdf>> Acesso em 01 mai.2013.

MENEGHELLO, Geri; KOHLS, Volnei; BARUM, Alexandre; BEZERRA, Antônio; RIGATTO, Paulo. **Sistemas Integrados de Frangos e Suínos:** Uma Visão dos Produtores. Revista Brasileira de AGROCIÊNCIA, v.5, nº2, p. 166-170. mai-ago,1999. Disponível em: <<http://www.ufpel.tche.br/faem/agrociencia/v5n2/artigo21.pdf>> Acesso em: 15 de mai. 2013.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. 11. ed. Petrópolis : Vozes, 1999.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO. **Estudo do Sistema Produtivo Com Arranjo Integrado a Cadeia de Aves e de Óleo Vegetal na Agricultura Familiar.** Erechim, 2009. <Disponível em: <http://www.slideshare.net/EduardoRonny/estudo-de-cadeia-alto-uruguai>> Acesso em: 15 de mai. 2013.

MOREIRA, Crispim. **Vida e luta camponesa no território:** casos onde o campesinato luta, marcha e transforma o território capitalista. 2008. 251 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Departamento de Geografia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/MPBB-7FSLY5>> Acesso em: 01 mai. 2013.

MOTTER, Rafael Junior. **As Hidrelétricas e o Imperialismo**: um estudo sobre a atuação do imperialismo na bacia do rio Uruguai. 2008, 29 f. Trabalho de conclusão de curso (pós-graduação *Latto Sensu* em Economia Política) - Departamento de Economia da Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2008.

PAULINO, Ignez Silveira. **Produtor e Agroindústrias**: consenso e dissensos. Ed. UFCS, Florianópolis, 1990.

PIRAN, Nédio. **Agricultura Familiar**: Lutas e Perspectivas no Alto Uruguai. Erechim, RS: EDIFAPES, 2001.

_____. Nédio. **Perspectivas do Camponês no Alto Uruguai**. 1995. Tese (Doutor em Geografia) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, São Paulo.

RURAL CENTRO. **Funrural**: cobrança indevida. Disponível em <<http://ruralcentro.uol.com.br/noticias>> Acessado em 29 de jun.2013.

SILVA , Benedito Neto; DEZEN, Márcia; SANTOS, Patrícia Evelize. **O conceito de reprodução social na análise de unidades de produção agropecuária**. Teoria e Evidencia Econômica. UPF, Passo Fundo. Nº32, ano 15, jan./jun.2009. p. 87-108.

VASCONCELOS, Yuri. **Planeta Sustentável**. Disponível em: <em http://planetasustentavel.abril.com.br/noticia/atitude/conteudo_244070.shtml> Acesso em 15 de jun. 2013.

WOLFF, Gladis Helena. **Trilhos de Ferro Trilhas de Barro**: A ferrovia no norte do Rio Grande do Sul – Gaurama (1910 – 1954). Passo Fundo: UPF, 2005.